



360 Graus

por Jane Godoy

Por Jane Godoy • janegodoy.df@dabr.com.br

"Tudo se transforma em alvorada, nesta cidade que se abre para o amanhã!"

Juscelino Kubitschek



Gláucia e o vice-presidente executivo do Correio, Guilherme Machado, recebem presente do representante da Câmara Federal, João Carlos da Silva

Fotos: Nelson Fleury/Divulgação



O diretor do Correio Leonardo Moisés fala aos visitantes sobre a exposição



Embaixadores Lim KI-Mo (Coreia) e Stefan Sholz (Áustria)

Uma tarde de confraternização e amizade

Depois do sucesso da exposição *Brasília 61+1* inaugurada em 21 de abril e encerrada na sexta-feira (20/5), a diretoria do **Correio Braziliense** fez questão de receber, na última segunda-feira, em visita especial, membros do corpo diplomático sediado em Brasília, para que pudessem conhecer de perto a história da criação, da construção e da concretização do projeto do grande estadista

Juscelino Kubitschek.

Com a presença de embaixadores, embaixadoras e cônjuges, mais representantes daqueles que, em missão fora de Brasília, não puderam comparecer. O encontro foi sem formalidades, alegre e cordial, como planejou a diretoria: uma vista de novos amigos, de todas as partes do mundo, nesta cidade que os acolheu com muito respeito e carinho.

Depois da visita à exposição

e do discurso de boas-vindas vice-presidente executivo do **Correio Braziliense**, Guilherme Machado, e as informações dadas pelo editor de política do jornal, Carlos Alexandre, ambos relatando, em inglês, todo o desenrolar da história de Brasília, o chef Ricky Araújo, da Charlotte's, serviu o requintado chá da tarde, no mezanino do CCBB, com a presença da gerente-geral do espaço, Fernanda Gasque.



Martin Mbeng (Cameroun), Julie e Michel Moudoute-Bell (Gabão)



Melne Martinez Hernández, vice-chefe da missão em Cuba; Eduardo Durán e Marianita Pjaj, do Equador



Carmen Batres Rodriguez (comunicação da Espanha); Fernanda Isidoro e Mathilde Teruya (França); e Jelena Blazevic (Sérvia)



Fernando Garcia Casas, da Espanha; e Francesco Azzarello, da Itália; com Maria Tereza Exposito, da Venezuela; e a representante do Uruguai



Ana Lúcia Machado Lenzi e Fernanda Gasque (CCBB) e a embaixadora de Gana, Albena Pokua Busia

CULTURA / Depois de dois anos suspensa, Festa do Divino Espírito Santo volta a ser celebrada por pirenopolinos

Fé e tradição em Pirenópolis

» RENATA NAGASHIMA

Depois de 2 anos de pandemia, pirenopolinos poderão, finalmente, celebrar a festa do Divino Espírito Santo, considerada a maior manifestação popular e cultural de Pirenópolis (GO) — cidade a 150km do Distrito Federal. Tombada como patrimônio cultural brasileiro, a mais esperada celebração do ano mescla variadas demonstrações religiosas em uma profusão de folclore tão rica que contagia, tanto o leigo como o erudito, o profano e o religioso, servindo a todos em todas as suas formas e línguas.

O Secretário de Cultura de Pirenópolis, Ronaldo Felix, explica a importância do evento, que mobiliza grande parte dos moradores locais. "É uma festa feita pelo povo e para o povo. Desde a origem do município as pessoas se unem desde a preparação, até a novena, folias e a comemoração em si. É um evento que une a festa religiosa e a profana, une as pessoas. Toda a festa tem uma movimentação muito grande e a população faz com gosto, é algo que passa de geração em geração", afirma Felix.

Após dois anos sem a celebração, a expectativa é grande e a comunidade segue participando ativamente. "As pessoas têm um carinho muito grande. Já havíamos percebido um anseio antes, agora que já estão acontecendo as primeiras programações, é possível ver no rosto das pessoas o quanto estão contentes com essa retomada", completa o secretário.

História

Ainda na antiguidade, israelitas cultuavam o Espírito Santo

nas festividades de Pentecostes. Na baixa idade média, essa devoção foi levada para a Europa e na Alemanha tomou a forma de uma festa. Em Portugal, a folia foi instituída pela Rainha Isabel, no século 13. Durante a celebração, era coroado um rei menino que distribuía alimentos e soltava presos políticos, como uma espécie de profecia significando que, quando o Espírito Santo cair sobre todos, haverá um monarca bom e puro como um menino e a terra estará repleta de fartura e perdão.

No Brasil, a celebração foi trazida pelos portugueses logo no começo da colonização e foi em Pirenópolis o primeiro registro, em 1819, da Festa do Divino, como uma iniciativa do Coronel Joaquim da Costa Teixeira, o primeiro consagrado como Imperador do Divino. A ele cabe a responsabilidade de promover e cuidar para que tudo se realize com ordem, incentivando, angariando fundos e mobilizando a população nos afazeres do evento.

Alguns anos depois, em 1826, o festeiro, como também é chamado o organizador, Padre Manuel Amâncio da Luz, introduziu as Cavalhadas e mandou confeccionar uma coroa de pura prata, a Coroa do Divino, oferecendo-a à Igreja Matriz. Amâncio distribuiu, de casa em casa, pãezinhos e alfenins, docinhos feitos de açúcar puro chamados de Verônicas, à população. A prática virou tradição e até hoje é reproduzida.

15 anos de espera

Após cada festa, no Domingo do Divino, um novo Imperador é eleito por meio de um sorteio, os candidatos geralmente pertencem à Irmandade do

Luis Nova/Esp. CB/D.A Press



As cavalhadas são um dos símbolos culturais da cidade

Luis Nova/Esp. CB/D.A Press



Evento movimentou a economia e a cultura local

Arquivo pessoal



Celebração ao Divino Espírito Santo é celebrada no município desde 1819 e faz parte da tradição local

Santíssimo Sacramento. Neste ano, o escolhido foi o promotor de justiça Heráclito D'Abadia Camargo, 53, que esperou 12 anos até ser sorteado. Mas, por causa da pandemia, ele teve

que esperar mais três.

"É um grande privilégio e, depois de tantos anos, me sinto realizado. Essa festa somos nós, e nós somos essa festa. A figura do imperador centraliza

e organiza tudo. Eu estou na expectativa há três anos, desde que fui sorteado, e nos anos que não pudemos realizar a festa por causa da pandemia", disse o Festeiro de 2022.

Cavalhada

Encerrando a comemoração religiosa, um grupo, a cavalo e com armaduras, encena, em um grande palco medieval a céu aberto, a guerra do século 8, travada entre os mouros e os cristãos. O espetáculo é uma reprodução do reinado de Carlos Magno e seu exército, que tinham a missão de catequizar todos os que não eram fiéis à igreja católica.

O espetáculo conta com lanças afiadas, garruchas de pólvora, texto teatral e músicas instrumentais. Num grande campo de batalha: de um lado, 12 cavaleiros cristãos vestidos de azul, e do outro, 12 cavaleiros mouros, vestidos de vermelho. O teatro das Cavalhadas dura três dias. No fim, os mouros perdem a guerra, são catequizados e batizados pelos cristãos.

A programação completa pode ser conferida na página do evento no Instagram: @festadodivino2022